

BRASIGUAIOS NA FRONTEIRA: LUTA PELA TERRA, VIOLÊNCIA E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO CAMPO E NA CIDADE *

Carlos Alberto Ferrari¹

RESUMO:

Esse trabalho tem por finalidade chamar atenção da sociedade brasileira e, especialmente das autoridades constituídas sobre a questão dos brasiguaios na fronteira Oeste paranaense, brasiguaios esses que estão sendo eliminados do mercado de trabalho no Paraguai e, retornam para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Ocorre que, sem formação adequada para o mercado de trabalho no meio urbano, esses brasiguaios engrossam os bolsões de miséria nas periferias de cidades como Foz do Iguaçu e Cascavel, além de outras de menor porte no Oeste do Estado do Paraná, engrossam, da mesma forma, os acampamentos do MST ao longo das rodovias brasileiras, gerando problemas sociais que perpassam a capacidade das prefeituras dessas localidades. Portanto, o ensaio é que os Governos Federal e Estadual dêem uma solução, senão definitiva, mas, que amenize as dificuldades que surgem diariamente com esse grave problema social que se instalou na fronteira.

Palavras-Chave: brasiguaião, agronegócio, fronteira, trabalho.

* Este texto contém as primeiras reflexões oriundas do projeto de mestrado, realizado sob a orientação da professora Dra. Márcia Yukari Mizusaki.

¹ Mestrando em Geografia, junto à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). *Email:* carlos.ferrari@brturbo.com.br

BRASIGUAIOS IN THE BORDER: FIGHT FOR THE LAND, VIOLENCE AND PRECARIZAÇÃO OF THE WORK IN THE FIELD AND THE CITY.

ABSTRACT:

This work has for purpose to call the attention the Brazilian authorities on the question of the brasiguaio in the border paranaense West, brasiguaio these that are being expulsed of its land of work in Paraguay and, returns for Brazil in search of better conditions of life. It occurs that, without formation adjusted for the market of work in the urban way, these brasiguaio thicken the bolsters of misery in the peripheries of cities as Estuary of the Iguaçu and Cascavel, beyond other minors in the West of the State of the Paraná, thickens, in the same way, the encampments of the MST throughout the Brazilian highways mainly, generating social problems that purpose the capacity of the city halls of these localities. Therefore, the attempt is that the Governments Federal and State give a solution, definitive senão, but, that it brightens up the difficulties that appear daily with this serious social problem that if it installed in the border.

Word-Key: brasiguaio, agronegócio, border, work

Introdução:

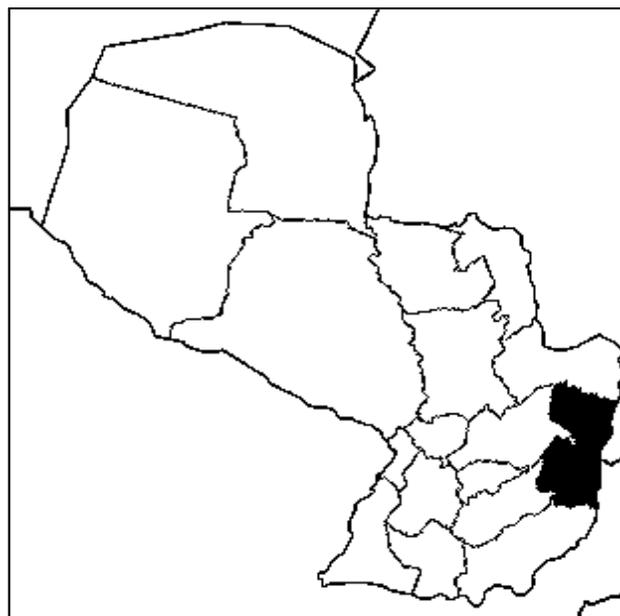
As pesquisas que venho desenvolvendo em território paraguaio, mais especificamente no Departamento de Alto Paraná, sobre a questão da expansão do agronegócio e a exploração dos brasiguaios nessa região do país, requerem algumas reflexões sobre questões pertinentes, por exemplo, quem são os brasiguaios? Será que são os brasileiros que possuem terras em ambos os lados da fronteira, Oeste do Paraná e Leste do Paraguai? Será que são os brasileiros que, sazonalmente, ora estão no Brasil ora no Paraguai em busca de melhores condições de trabalho temporário na cidade ou no campo? Será que são os brasileiros que adquiriram grandes áreas de terras no vizinho país, especialmente na década de 1970 e 1980 e, atualmente são os grandes fazendeiros do agronegócio na região? Serão os pequenos agricultores camponeses que possuem pequena área de terra do outro lado da fronteira em consequência da expulsão patrocinada pela modernização da agricultura no Brasil? Ou serão os trabalhadores rurais itinerantes que foram expulsos do Brasil pela modernização da agricultura e, no Oeste paranaense, também pela construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu? Afinal quem é essa gente?

As pesquisas sobre este artigo foram realizadas no Departamento de Alto Paraná, a região que concentra a maior produção de soja para exportação do Paraguai e, também a região onde vive o maior número de brasileiros e brasiguaios.

Por conseguinte, a região onde é registrado o maior número de casos de violência, coerção e expulsão de camponeses brasiguaios pobres da terra de trabalho fazendo com que esses trabalhadores re-imigrem de volta para o Brasil na esperança de continuar sua reprodução enquanto camponeses.

A figura (Mapa do território paraguaio), a seguir destaca o Departamento de Alto Paraná, berço dessa pesquisa.

MAPA DO PARAGUAI: Em destaque Departamento de Alto Paraná.



FONTE: www.wikipedia.org

Se analisarmos somente a palavra intrinsecamente, chegamos a conclusão que todas as indagações estão corretas. Mas, brasiguaios não é somente uma palavra, uma expressão, um codinome, brasiguaião se tornou uma identidade forjada na luta pela terra e por melhores condições de vida nessa faixa de fronteira, onde a violência, a pobreza, a decadência do ser humano frente à incompetência e má vontade política, levam-nos a retroceder no tempo e no espaço das migrações de massivas levas de brasileiros rumo ao oásis agrícola apregoado pelos governos ditadores dos dois países a partir da década de 1960 e, com mais intensidade na década de 1970, para tentarmos compreender os desafios que a modernidade provocou nesses brasileiros que, atualmente atendem pela identidade social de brasiguaios.

A imigração faz parte da história e da vida do homem, e foi por meio delas que novas culturas nasceram e novos sujeitos sociais apareceram. A imigração de pessoas em busca de melhores dias, por exemplo, resultado de um processo de expansão do meio físico para a monocultura e a automação do trabalho, surgiu como esperança e possibilidade de uma nova vida, mesmo que em território estranho, como é o caso dos brasiguaios. Singer (1998) considera que *“as migrações são causadas por dois tipos de fatores: expulsão e atração, o primeiro determina o*

local de origem dos fluxos migratórios, enquanto o segundo a direção e as áreas de destino”. (SINGER, 1998, p. 125).

No caso peculiar dos brasiguaios, a partir das migrações de colonos do Sul do Brasil e, especialmente, do Oeste paranaense para o Paraguai, um novo sujeito foi forjado e inserido no contexto social dos dois países. O deslocamento para o Paraguai surgiu como possibilidade de reprodução da existência camponesa, ainda que:

O drama de uma população obrigada a abandonar o lugar onde criou raízes é facilmente imaginável. É triste desmanchar uma casa, abandonar um empreendimento, uma obra realizada ao longo do tempo e que está dando bons resultados [...] e mais triste ainda é romper laços de união, amizade e cooperação entre familiares, parentes e amigos em toda a diversidade e profundidade de interação consolidada ao longo de anos e anos de convívio. (MAZZAROLO, 2003, p. 44).

Em 1961, com o programa do governo paraguaio intitulado, “Marcha del Este” a imigração se iniciou, embora tímida, se intensificando na próxima década com a construção e, finalmente com o alagamento provocado pela barragem da Hidrelétrica Binacional de Itaipu em 1982. Tendo como referência os estudos de Martins e Vanalli (1994) destaca-se:

Entretanto o motivo que gera o maior número de migrações no mundo todo é, sem dúvida, o econômico – as pessoas saindo à

procura de seu sustento e sua melhoria de vida [...], migrações de populações empobrecidas que apostam na sobrevivência em outras regiões, iludidas com o sonho do emprego, de bom salário, de terra fértil para o plantio, de dignidade de viver! Percebe-se, então, que as migrações seguem a mesma trilha do capital. (MARTINS e VANALLI, 1994, p. 35).

O grande fluxo de imigração culminou com a valorização das terras na faixa leste paraguaia que foram adquiridas anteriormente por grandes latifundiários e empresas estrangeiras do setor agropecuário a preços baixos, um grande jogo geopolítico dos governos ditadores dos dois países para, mais uma vez, favorecer a elite fundiária em detrimento do camponês. Imensas áreas de terras foram compradas (presenteadas) por essa elite fundiária com o total apoio do (IBR) Instituto de Bienestar Rural, um agente do latifúndio, para especulação, gerando, primeiramente a expulsão dos posseiros que haviam adquirido a terra do mesmo (IBR), nos anos de 1960 que, naquele momento invalidou os contratos desses camponeses.

Com a transformação do latifúndio em agronegócio na última década do século XX, esse novo paradigma agrícola avançou e expandiu na região, gerando conseqüentemente, uma grande massa de

excluídos do campo que, não tendo terra para trabalhar, se viram obrigados a voltar e se instalar nas cidades que margeiam o Rio Paraná, gerando problemas quase que irreversíveis para esses municípios.

A expressão brasiguaiio foi criada primeiramente com o intuito de organização, os camponeses e trabalhadores rurais pobres de toda ordem expulsos do campo paraguaio pela modernização agrícola que chegava ao vizinho país no início dos anos 1980, foram forçados pelas condições impostas, a se re-imigrarem novamente para seus rincões natais e, em 1985 cerca de mil famílias desses camponeses expulsos, ergueram um imenso acampamento no município de Mundo Novo, ao Sul do Estado de Mato Grosso do

Sul. Nesse momento histórico, nascia à expressão brasiguaiio que, posteriormente, tornou-se uma identidade no processo de luta para essa gente.

Além disso, a identidade brasiguaiio se fazia importante naquele momento, organizado os camponeses acampados teriam maior poder na reivindicação de direitos, que afirmavam possuir, junto aos órgãos governamentais brasileiros, principalmente o INCRA.

Foi nesse momento que a identidade de brasiguaiio ganhou as manchetes dos

*Os brasiguaiios são
definidos pela classe
social à que pertencem,
não pela cultura*

principais meios de comunicação do país, certamente que com aspecto de marginais, invasores, vagabundos, etc., preconceituosamente os brasiguaios foram e, são vistos como pessoas que não querem trabalhar e vive a espera de benesses do governo. Por sinal, essa ideologia que se arrasta a gerações, foi esculpida pela elite política e fundiária conservadora na mente da classe média para esses, engrossarem o coro de vozes contra os trabalhadores que de alguma forma se organizam em movimentos e manifestações contra a opressão, a exploração e a concentração da terra.

Vejamos de outro ângulo essa questão. Os brasiguaios são definidos pela classe social à que pertencem, não pela cultura, língua, descendência, é na esfera da diferença que surgiu e se generalizou esse sujeito. Sabemos que o avanço do capitalismo no campo, por sua estrutura, exclui os camponeses para dar lugar à monocultura, principalmente da soja, provocando por conseqüência, a cerceamento do trabalho e a imigração desses trabalhadores rurais para áreas cada vez mais distantes de seu lugar de origem, até mesmo em território estranho como é o caso dos brasiguaios.

Portanto, o brasiguaião, que é denominado todo o trabalhador rural volante e todo o camponês de produção familiar de

subsistência, enfim todo o pobre que é explorado e, ao mesmo tempo extirpado do processo produtivo pelo capitalismo selvagem praticado em países periféricos como o Paraguai, não é alheio ao sistema ora vigente, *“ele faz parte do sistema, porque, simplesmente o sistema não se sustenta sem essa relação de exploração existente entre o capital e o trabalhador”*¹.

Diferentemente do brasiguaião, está o *“brasileiro no Paraguai”*. Estes são os grandes latifundiários da monocultura de soja transgênica, são os médios produtores rurais integrados com as empresas do agronegócio², são os proprietários de silos, são os bancários, trabalhadores do setor administrativos de empresas agrícolas como a Cargil. Enfim, são os imigrantes com melhores condições financeiras que, por sua vez, são protegidos pelas autoridades paraguaias e, não gostam de serem chamados de brasiguaios.

Atualmente os brasiguaios, que fogem da opressão dos grandes latifundiários

¹ Palestra de Ariovaldo Umbelino de Oliveira proferida do Mini-Auditório da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) 29/05/2006.

² É o novo paradigma de desenvolvimento de produção da agropecuária do sistema capitalista, na verdade é o latifúndio com uma nova roupagem, se distinguindo apenas na dicotomia produtivo/improdutivo.

no vizinho país, aportam, a grande maioria, nas cidades brasileiras próximas à fronteira, onde é visível a dificuldade e a falta de oportunidades enfrentadas por essas pessoas na luta pela sobrevivência. A figura a seguir, mostra o lago de Itaipu e os municípios lindeiros do lado brasileiro onde aportam a maioria esmagadora de brasiguaios re-imigrantes suprimidos do trabalho do outro lado da fronteira.



FONTE: (GERMANI, G. I. 2003) Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu. P.186.

Os grandes fazendeiros (latifundiários) da soja transgênica necessitam, cada vez mais, de espaços físicos para maior acumulação e, para isso precisam fazer a limpeza da área, isto é, expulsar os pequenos agricultores

brasiguaios e paraguaios de suas terras. Nesse momento, os chamados *campesinos paraguaios* são aliciados pelos fazendeiros para coagir os camponeses brasiguaios que não querem negociar suas propriedades e estão obstinados a permanecer na terra. Esses campesinos paraguaios que, igualmente foram expulsos pelo avanço do agronegócio na região, não fazem parte de nenhum movimento de luta pela terra.

Através de nossa pesquisa na região, chegamos a conclusão que esses campesinos, externos aos movimentos, são manipulados pelos grandes fazendeiros, a invadirem as propriedades dos camponeses brasiguaios incendiando as construções, matando os animais e destruindo as plantações, horrorizados os camponeses brasiguaios acabam abandonando sua terra.

Legitimamente, os campesinos que fazem parte dos movimentos de luta pela terra como, por exemplo, a Federação Nacional Camponesa (FNC), não invadem pequenas propriedades, eles têm a mesma política de invasão que o MST brasileiro, invade somente grandes fazendas improdutivas que, na verdade são terras para especulação, terras de negócio.

Assim sendo, o fluxo de brasiguaios que estão retornando do Paraguai em direção às cidades da fronteira em busca de trabalho

e melhores condições de vida vêm crescendo assustadoramente neste início de século XXI.

As terras onde esses camponeses brasiguaios trabalhavam ao longo da faixa leste paraguaia, aos poucos vão sendo adquiridas por latifundiários³ brasileiros e empresas do agronegócio, transformando-se em reserva de valor. Em contrapartida, centenas de famílias de pequenos agricultores camponeses e trabalhadores volantes em geral, vêm na re-imigração ou, como diria Haesbaert (2001), redeterritorialização, ainda uma esperança de sobrevivência mesmo em condições adversas.

Para termos uma idéia clara do que vem acontecendo atualmente no Paraguai, e conseqüentemente na fronteira, reproduzimos in loco, uma entrevista feita no município de Santa Terezinha de Itaipu com um brasiguai re-imigrante, ex-morador de San Alberto, filho de uma família de brasiguaios redeterritorializados pela expansão do modelo de produção (agronegócio) que se avança indiscriminadamente no vizinho país.

Meu nome é João, em 1978, meu pai teve que sair de seus três alqueires de terra em Sub-Sede, distrito do município de Santa Helena no Paraná

³ Latifundiário e fazendeiros tem a conotação política que quer dizer “detentores do poder” aqui o poder é a terra, são chamados de latifundiários todos que possuem grande área de terra para monocultura, especialmente a soja transgênica.

que, pouco depois, seria inundado pela formação do Lago de Itaipu. Porém, a indenização que recebeu por parte da usina não dava para comprar outra área de terra aqui mesmo no Paraná com a mesma fertilidade, por essa razão resolveu ir para o Paraguai, onde segundo informações, a terra era boa e barata. Meu pai foi um entre vários trabalhadores rurais camponeses desapropriados que seguiram para o Paraguai.

Depois de quinze anos vivendo no Paraguai, lembro do meu pai e da minha mãe ajeitando as coisas no pequeno caminhão, o velho fogão e o botijão de gás, o saco com as poucas panelas, pratos e talheres. Era uma tarde de uma sexta-feira na zona rural entre San Alberto e Minga Porã, na chamada Gleba Seis, Departamento de Alto Paraná. Vínhamos para Foz do Iguaçu na fronteira com o Brasil, a mais ou menos cento e cinquenta quilômetros dali.

Meu pai, após quase vinte anos trabalhando em seus três hectares e meio no Paraguai, está de volta ao seu país, expulso pelos camponeses paraguaios, acredito que a mando de alguém.

Na mesma época meu avô também se aventurou no Paraguai e tinha esperança de prosperar nas planícies férteis de Minga Porã. Hoje, ele não tem nem casa para morar. Trabalha de diarista nas terras de um paraguaio, mais ou menos vinte hectares, e ganha menos de um salário mínimo do Brasil por mês. Tinha uma casinha de dois cômodos na vila de

Limóy, mas precisou vender para comer. Vendeu-a por 4 milhões de guaranis – cerca de 2.200 R\$.

A esperança de meu pai, era um bom emprego em Foz do Iguaçu ou, uma lona preta do MST em algum acampamento na região oeste do Paraná. Eu tinha na época (1993) 17 anos mais três irmãos menores, graças a Deus deu tudo certo, meu pai arranhou um emprego até bom e, logo eu também arrumei um trabalho para ajudar nas despesas de casa e hoje estamos bem graças a Deus⁴.

Atentemos para o fato de que a precarização do trabalho no atual modelo de produção capitalista paraguaio é real e sem perspectivas de aditamento, tanto no meio rural como no meio urbano, por conseqüência, reflexo direto das condições improváveis de trabalho no meio rural.

Quando se trata de fronteiras, donde a questão econômica esta em jogo, como é o caso pendente, a dificuldade tende a aumentar e, possivelmente o município fronteiro que recebe o re-imigrante vê seus problemas sociais crescerem em passo acelerado. O evento acontece porque estamos analisando países com graves problemas econômicos e sociais, decorrentes da fragilidade de suas economias.

Logo, o trabalhador do campo, tanto pequenos agricultores expulsos de sua terra

de trabalho como trabalhadores rurais de toda a ordem, diaristas, mensalistas, agregados, por terem suas vidas dedicadas, inteiramente ao trabalho rural, tanto no Brasil como no Paraguai, vê sua reprodução ameaçada enquanto camponeses com o ingresso no meio urbano. Por essa razão é que muitos desses re-imigrados brasiguaios preferem a lona preta dos acampamentos do MST ao longo das rodovias brasileiras.

Neste contexto, o trabalho e, conseqüentemente o trabalhador é que irão sentir com maior intensidade os efeitos da modernidade, ou porque não dizer da globalização, que, além de encurtar distâncias, frase de efeito para legitimar o paradigma, encurtam, com maior amplitude, condições de trabalho a todo e qualquer tipo de trabalhador, não somente os sem formação como expressam os defensores do paradigma agronegócio.

No livro “Os Sentidos do Trabalho” Ricardo Antunes nos demonstra que a sociedade do trabalho abstrato possibilitou, por meio da constituição de uma massa de trabalhadores expulsos do processo produtivo, a aparência da sociedade fundada no descentramento da categoria trabalho na

⁴ SILVA, João. Nome fictício a pedido do entrevistado. Entrevista cedida ao ator, no dia 30 de julho de 2006, em sua residência.

perda da centralidade do ato laborativo no mundo contemporâneo⁵.

Nesse contexto, analisaremos a questão que culminou com os problemas que atualmente atinge essa faixa de fronteira, a construção da Ponte da Amizade em (1965) e da Itaipu Binacional em (1974-91).

Durante os regimes militares nos dois países, essas construções modificaram os cenários comerciais da fronteira. Estes projetos faziam parte de uma visão geopolítica de expansão econômica na região preparando terreno para as grandes empresas e latifundiários estrangeiros, principalmente brasileiros, em transformar a região num grande corredor agrícola de exportação. Nesse sentido, Mazzarollo (2003) destaca:

Os senhores do dinheiro uniram-se aos senhores da guerra e obrigaram todos os seres humanos a ficarem a seu serviço, e assim a humanidade perdeu a paz [...] para facilitar a dominação, os senhores do dinheiro inventaram uma grande mentira: disseram que o desenvolvimento econômico era necessário para que os seres humanos não morressem de fome e fossem mais felizes [...] o que

⁵ Os Sentidos do Trabalho de Ricardo Antunes: mas o autor também alerta para o fato de que o entendimento das mutações em curso no mundo [...] nos obriga a ir além das aparências. E, ao fazer isso, lembra que o sentido dado ao trabalho pelo capital é completamente diverso do sentido que a humanidade confere a ele. Um livro atual e necessário, que representa uma firme intervenção política no debate teórico desta virada de século.

eles queriam, na realidade, era ter mais dinheiro, mas, para reduzir as resistências e para dar uma aparência digna aos seus serviços, usaram argumentos humanísticos, a verdade, porém, acabou aparecendo e hoje só uns poucos ainda fingem acreditar na fantasia.
(MAZZAROLLO, J. 2003, p. 15).

Usina Hidrelétrica de Itaipu.



FONTE: (GERMANI, G, I. 2003, p. 186).

Com a modernização que acontecia naquele momento nos campos brasileiros a oferta de mão-de-obra barata multiplicava na fronteira Leste do Paraguai e Oeste paranaense, contribuindo com isso para o povoamento da fronteira paraguaia como queria o Presidente Alfredo Stroessner.

Naquela época (período da ditadura do General Stroessner) os brasileiros foram bem vindos ao Paraguai, com o fim da ditadura (1979) e o fortalecimento do

Movimento Campesino, com o apoio incondicional da Igreja, nasceram vários movimentos de luta pela terra como: Liga Agrária Cristiana, Hermanos Franciscanos e a Comunidad Cristiana de Bases que, eram contra a venda de terras a brasileiros. Assim, a permanência de imigrantes brasileiros pobres no Paraguai foi cada vez mais dificultada.

A partir de 1980 com o incremento da modernização do campo paraguaio e, em 1990 quando o agronegócio avançou no Paraguai e, especialmente no Departamento do Alto Paraná onde a população de brasileiros e brasiguaios ultrapassam os 70% em alguns municípios como San Alberto e Santa Rita, as dificuldades aumentaram e o imigrante pobre, o futuro brasiguai, começaram a serem expulsos da região para o desenvolvimento da monocultura da soja.

Devemos ater-nos, para o fato de que o agronegócio para se expandir necessita da mão-de-obra barata dos imigrantes brasiguaios. Portanto, existe um grande contingente desses brasiguaios que trabalham nas fazendas e no meio urbano na região que é o contingente mínimo de que necessita o mais novo modelo de produção do campo paraguaio.

Assim, verifica-se atualmente que o processo de reprodução do capital no vizinho país é viabilizado pela exploração da força de

trabalho dos brasiguaios, no meio rural como empregados diaristas e mensalistas dos grandes fazendeiros e no meio urbano como trabalhadores braçais, principalmente nos (silos)⁶. Esses brasiguaios que permanecem em território paraguaio sendo explorados pelo capital, geralmente são brasiguaios que já re-imigraram pra o Brasil e, posteriormente, voltaram em terras guaranis por falta de alternativas de trabalho em solo brasileiro.

Nas diversas vezes que tive a oportunidade de me deslocar até a região do Alto Paraná, pude observar que a Ponte da Amizade em Foz do Iguaçu, como também em outros pontos da fronteira como: Marechal Cândido Rondon, Santa Helena e Pato Bragado, são atravessados diariamente por muitas famílias de camponeses brasiguaios que vislumbram um trabalho digno no meio urbano ou um acampamento do MST no Brasil, com a esperança de se reproduzir como trabalhadores do campo, os mesmos imigrantes que um dia serviram para dar início ao desenvolvimento dessa região do Paraguai.

⁶ É a materialização do agronegócio, tudo passa pelo silo, desde a obtenção de sementes, insumos e, principalmente empréstimos aos agricultores, uma espécie de banco rural. Esses silos, na sua grande maioria, pertencem aos grandes fazendeiros ou a empresas transnacionais como a Cargil, a Agrofertil e a Lar.

O grande capital que manipula os camponeses externos ao movimento, que historicamente vive em conflito com os brasiguaios, ignora as comunidades, contamina os rios e desmata a floresta, fazendo com que os camponeses descapitalizados, humilhados e oprimidos, retornem para o Brasil, num fluxo alucinante a procura de terra e trabalho mesmo, conscientes das dificuldades a serem enfrentadas na volta. Segundo os estudos de MARTINS (1997).

A fronteira é o espaço próprio de encontro de sociedades e culturas entre si diferentes, como as sociedades indígenas e a chamada sociedade “civilizada”; lugar da pretensa epopéia da frente pioneira e dos também chamados “pioneiros” e “civilizadores”. É o lugar da busca desenfreada de oportunidades. [...] longe de ser o território do novo e da inovação, a fronteira se revela o território da morte e o lugar de renascimento e maquiagem dos arcaísmos mais desumanizadores, cujas conseqüências não se limitam a seus protagonistas mais imediatos, elas se estendem à sociedade inteira, em seus efeitos conservadores e bloqueadores de mudanças sociais em favor da humanização e da libertação do homem de suas carências mais dramáticas. (MARTINS, J. S. 1997, p. 01).

Portanto, a miséria que se espalhou nos dois lados da fronteira tem uma única face, a da expansão do agronegócio para fins de acumulação que, visivelmente trouxe muita riqueza para a região do Alto Paraná,

mas é manifesto, também, que essa riqueza atinge uma pequena parcela da sociedade na região em questão, ou seja, os “brasileiros” e as “autoridades paraguaias do PC”. Logo, o novo paradigma da agricultura paraguaia promove muito mais desigualdades e pobreza do que igualdades de oportunidades.

Esse quadro desolador não foi conseqüência somente de processos espontâneos de crescimento demográfico, muito menos a presença do agronegócio na região, é justo afirmar que a exploração e opressão frente aos imigrantes pobres no Paraguai sempre aconteceu, mas, é inegável a imensa contribuição desse modelo de produção no caos ora vigente na fronteira.

A questão cultural, como por exemplo, a tentativa de imposição da língua portuguesa, dos símbolos, como os CTGs, foram fatores culminantes para legitimar as atrocidades praticadas contra esses trabalhadores e, também para a deflagração de conflitos entre camponeses imigrantes, os chamados brasiguaios e camponeses paraguaios, intensificando, por conseguinte, a partir da década de 1990, com o advento e avanço do agronegócio na região em questão. Segundo Ferrante (1994).

A demanda pela terra, no presente, [possui] um perfil ímpar, aglutinando trabalhadores rurais e urbanos. Suas ligações com

problemas de desemprego, de habitação, de revigoração de estratégias patronais, de fortalecimento de organizações empresariais, dão-lhe a configuração de uma alternativa buscada para suprimento das necessidades de reprodução social. (FERRANTE, V. L. B. 1994, p. 129).

Para uma melhor compreensão, atentamos para a quantidade de brasiguaios que re-imigraram nos últimos quinze anos a procura desesperada de terra ou de trabalho na cidade, para isso, destacamos a quantidade de favelas que se proliferou na cidade de Foz do Iguaçu e cidades vizinhas, como Cascavel, por exemplo. Em Foz do Iguaçu, que o número de favelas no início da década de 1990 era de aproximadamente de 30 favelas, atualmente pulou para mais de 90. Os brasiguaios estão retornando e ficando bandeira, como eles dizem, em acampamentos do MST, mas, muitos estão vindo para a cidade na esperança de dias melhores o que é um engano, já que a grande maioria não é qualificada pra o trabalho na cidade.

Esse rapaz que entrevistei que, atualmente reside em Santa Terezinha de Itaipu, município a poucos quilômetros de Foz do Iguaçu, é só mais um brasiguaiio re-imigrante dentre centenas e milhares que aportam todo dia em alguma cidade da fronteira à procura de trabalho ou, nos

acampamentos do MST ao longo das rodovias brasileiras do Paraná e Mato Grosso do Sul e a grande maioria não tem a mesma sorte que este brasiguaiio.

Os brasiguaios que hoje são expulsos das terras guaranis, são brasileiros que cruzaram a fronteira há mais de 25 anos, expulsos pela modernização do campo brasileiro e pelas águas de Itaipu, com a esperança de se reproduzirem em território estranho e, atualmente se deparam com a mesma situação de outrora, com um agravante, a desmotivação e o descrédito acompanham esses brasiguaios no retorno, a esperança de dias melhores no campo não é a mesma de 25 anos atrás, por consequência ver a nova geração camponeses que se inicia com um pedaço de terra para continuar sua reprodução fica cada dia mais distante.

Outra questão relevante é que, na volta os brasiguaios erguem um cinturão de miséria em torno das cidades brasileiras, excluídos da modernização do campo paraguaio, eles têm de ser incluídos no quadro social do país que abandonaram fazia uma geração, que infelizmente não é diferente do quadro social encontrado no retorno. Como saliente Martins (1997).

A dinâmica desse processo de desenvolvimento desigual e simultâneo ainda é mal conhecida, desfigurada por juízos de valor comprometidos com o

pressuposto do progresso, da razão, da liberdade e do desenvolvimento econômico inexorável [...] no mínimo estamos em face de certa lentidão do processo histórico, determinada em grande parte pelas próprias características de desenvolvimento rápido nas sociedades e situações sociais do outro extremo. (MARTINS, J. S. 1997, p. 32).

Uma reforma agrária justa e igualitária, esse é o sonho não só dos camponeses, mas de todo o cidadão que se inquieta com as desigualdades sociais que são praticadas nesse país. *É preciso que se faça um reforma agrária verdadeira, acompanhada de uma política agrícola voltada para os interesses dos pequenos proprietários, dando-lhes reais condições de produzir. (MARTINS e VANALLI, 1994, p. 96).*

Assim sendo, existe um longo caminho a percorrer para que os direitos dos trabalhadores brasiguaios na fronteira em questão, como a de outros trabalhadores brasileiros camponeses que se aventuram em outras fronteiras da América Latina, por pressão e falta de políticas agrícolas e agrárias em território brasileiro, possam ser respeitados.

*A terra fértil ao homem que vai cultivá-la, gerando alimentos para todos, eliminando a fome e a miséria, promovendo justiça, formando verdadeiramente um povo forte, dono do seu próprio destino. E aí sim, poderemos ser chamados de – NAÇÃO!
Ao homem, a terra de trabalho – JÁ!
(MARTINS e VANALLI, 1994, p. 96).*

A nós cabe oferecer, através de nossos estudos sobre a questão, instrumentos que possam ser usados na solução desse problema que assola a fronteira Brasil/Paraguai. Além de tentar aprofundar o conhecimento das várias dimensões dessa mobilidade que expressa de modo mais completo as relações sociais, políticas, econômicas e culturais no contexto do Mercosul.

Portanto, é nossa tarefa enquanto estudantes da questão agrária, viabilizar estudos mais aprofundados da situação que ora nos inquieta e, com isso tentar sensibilizar o poder público de uma solução definitiva no caso dos brasiguaios. A geração de problemas sociais na fronteira oeste não cabe apenas as prefeituras das cidades que margeiam o Rio Paraná, mas, principalmente ao Governo Federal em ambos os países que insiste em proteger a elite fundiária, esses problemas tendem a intensificar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho:** 6ª edição. São Paulo, SP: Boitempo, 2002, 258p.
- FERRANTE, V. L. M. **Diretrizes políticas dos mediadores: reflexões de pesquisas.**

IN. MEDEIROS, Leonilde et al. (org.). Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar. São Paulo: UNESP, 1994, p. 127-144.

GERMANI, G. I. **Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu**. 2ª edição. Canoas - RS: ULBRA, 2003, 266 p.

HAESBAERT, R. **Mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro – RJ. Bertrand Brasil, 2004, 395p.

MARTINS, J. S. **Fronteira: A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: HUCITEC, 1997, 213 p.

MARTINS, J. S. **A Sociedade vista do Abismo: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª edição, 2003, p. 227.

MARTINS. D. VANALLI. S. **Migrantes: migração interna no Brasil “bairanos” e**

“Paraibas”, a Reforma Agrária resolve? São Paulo: Editora Contexto, 1994, 100 p.

MAZZAROLLO, J. **A Taipa da Injustiça: Esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu**. São Paulo – SP: Ed. Loyola, 2003, 203 p.

OLIVEIRA, A. U. **Palestra proferida na UNIOESTE**, no dia 29/05/2006.

SILVA, J. (31 anos). **Entrevista cedida a Carlos Alberto Ferrari**, no dia 30 de julho de 2006.

SINGER, P. **Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: economia política da urbanização**. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 1998, p. 29-62.

SITES

www.bvp.org.py

www.luventicos.org

www.wikipedia.org

Revista Pegada

v. 8, n. 1, Junho 2007

À venda pelo Email:

revistapegada@gmail.com

Ou pelo telefone (18) 3229-5388

Ramal: 5543. (18) 3229-5307.